



Notas de falecimento do Professor Reverendo Ricardo Mário Gonçalves (1941-2021)

Ícaro Azevedo Matias*

Se escrever este texto gera, por um lado, uma enorme sensação de honra, por outro o faço com um sentimento de imensa tristeza. Dificilmente palavras seriam suficientes para descrever e falar sobre Ricardo Mario Gonçalves, dado seu grande prestígio acadêmico em estudos de história antiga, história do Extremo Oriente e história da religião, sobretudo religiões orientais, bem como sua imensurável contribuição e atuação no desenrolar da tradição budista em solo brasileiro.

Nascido em junho de 1941, Ricardo Mário Gonçalves morreu com exatos 80 anos, idade que, como ele falava, foi a mesma do Buda ao falecer e atingir seu *Parinirvana*. Já no hospital havia algumas semanas devido a questões cardíacas agravadas pela Covid-19, deixou a família, amigos e alunos espalhados por todo o Brasil e até mesmo no Exterior. Deixou-nos, a todos, com uma profunda tristeza e saudade. Ricardo, conta sua família, morreu mantendo a consciência até o último momento, completamente lúcido; naquela mesma semana, chegou até mesmo a acompanhar virtualmente um rito budista de sua tradição nas redes sociais em seu celular, publicando, inclusive, comentários.

Ricardo teve uma importante jornada no departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), onde se dedicou, ao longo de algumas décadas, a construir uma vigorosa e consistente carreira acadêmica, conquistando os títulos de doutor e livre-docente, aposentando-se ainda como professor associado. Influenciou e inspirou diversos outros pesquisadores que entraram em contato com muitos de seus trabalhos, artigos, livros e traduções, alguns deles, textos obrigatórios para quem inicia os estudos nas tradições budistas e história cultural do Japão, como os já clássicos *Textos budistas e zen budistas* (São Paulo: Cultrix, 1967; 1976) e *A ética budista e o espírito econômico do Japão* (São Paulo: Elevação, 2007).

Como líder religioso, Ricardo era missionário no templo Nambei Higashi Honganji Brasil Betsuin, em São Paulo, pertencente à Missão Sul-Americana do Budismo Shin Ordem Otani. Na instituição, ele atuava como pesquisador, professor e tradutor no Instituto de Estudos Doutrinários, ajudando também a fundar a Oficina de Tradução Kumarajiva. Porém, ainda que mais conhecido como reverendo no Budismo de tradição Terra Pura, teve uma eclética trajetória, relacionando-se com diversas comunidades budistas no Brasil.

Contava o próprio Ricardo que seu primeiro encontro com o Budismo e a cultura japonesa aconteceu quando ele ainda era adolescente, frequentando sessões de teatro Nô que aconteciam no templo do Nishi Hongwanji em São Paulo, uma das escolas da Terra Pura. Desde então, foi se desenvolvendo e se aprofundando em estudos budistas.

* Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP). Bolsista integral da CAPES. ORCID: 0000-0002-1291-4454 – contato: icomatias@gmail.com

Começou sua prática no templo Busshinji, no bairro da Liberdade, em São Paulo, pertencente à tradição Sôtô Shû; lá, realizava a prática meditativa Zazen. Nesta época, Ricardo já dominava o idioma japonês, habilidade que conquistou de maneira autodidata; após um período de prática e suporte em traduções e interpretações nessa mesma comunidade, em 1961 recebeu o primeiro grau de ordenação (*shûdôshi*).

Nos anos que se seguem, inicia um longo e fértil período de diálogo com diversas comunidades budistas ao lado de amigos que, junto a Ricardo, possuem grande relevância para comunidade acadêmica e budista. Entre eles, vale a pena citar o Dr. Murillo Nunes de Azevedo, com quem fundou a Sociedade Budista do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1971, Ricardo deixa a comunidade Zen e começa a flertar com os ensinamentos do budismo esotérico da tradição japonesa Shingon-shû. Em uma de suas viagens ao Japão, tem oportunidade de fazer algumas iniciações entre 1973 e 1974, durante sua peregrinação nos templos dessa escola em solo nipônico.

Ao retornar para o Brasil, uma série de questões faz com que não dê continuidade ao seu trabalho nos templos brasileiros e, após um tempo, é convidado a apoiar o desenvolvimento do departamento de Estudos Missionários no templo administrativo da escola Higashi Honganji, ordem Otani, onde recebe ao longo dos anos não apenas a ordenação como clérigo, mas também o grau de *kyôshi*, mestre do Dharma, em 1985.

Conheci Ricardo Mário há cerca de dez anos. Pouquíssimo tempo, quando comparado com o de outras pessoas de seu círculo de amizades. Foi, porém, tempo suficiente para juntar algumas histórias e me acostumar com aquele jeito provocador, intelectual, às vezes amável, por vezes bastante duro. Ricardo-sensei*, como o chamávamos quando estávamos no templo, ou professor Ricardo quando estávamos nas inúmeras aulas que ministrava todos os anos, foi uma pessoa das mais inspiradoras que passaram em minha vida. Inúmeras foram as discussões e trocas com aquele que mais parecia uma gigante enciclopédia ambulante, como às vezes dizíamos, tamanho era nosso espanto diante de tanto conhecimento e vontade de ensinar que ele tinha.

Certamente, ele foi crucial na formação de muitas pessoas, fossem elas pesquisadores ou monges das mais diversas tradições que puderam usufruir de todo seu conhecimento e experiência budista. Ouvir Ricardo era uma oportunidade de entrar em contato, também, com a memória do Budismo brasileiro, este tipo de Budismo que tanto se esforça para tomar forma e sobreviver.

Seus últimos anos foram abalados pela morte da esposa, a então também reverenda Yvonne Silva Gonçalves. Mas, em meio às tristezas da saudade e de ter que lidar com a impermanência, Ricardo jamais parou de produzir. Nos presenteou com um lançamento de um extenso estudo sobre o *Shoshinge*, texto importante para a tradição à qual pertencia, escrito pelo patriarca Shinran.

Notas do Shoshinge: Considerações sobre o Poema da Verdadeira Fé (2019, edição Templo Nambei Higashi Honganji Brasil Betsuin) é um trabalho minucioso que explica as origens do pensamento de Shinran, detalhando cada frase do texto. É uma verdadeira aula sobre Budismo geral, não apenas restrito a um trabalho específico de sua tradição, a Terra Pura.

Ricardo também chegou a participar de eventos promovidos pela comunidade budista LGBTI+ Rainbow Sangha, como o painel inter-religioso de Diversidade e Espiritualidade, promovido por leigos e líderes religiosos na Câmara Municipal de São Paulo. Também esteve presente em uma série de encontros virtuais promovidos pelo mesmo grupo, apoiando e endossando a importância do diálogo entre Budismo e necessidades latentes da sociedade, como a diversidade de gênero e sexo.

Era um defensor feroz da ideia de um Budismo socialmente engajado e se importava em debater as mais variadas questões, fossem elas políticas, econômicas, ambientais ou outras, utilizando tanto sua perspectiva de historiador quanto a de budista.

Seu último empenho, nos dois anos finais de sua vida, foi o de se debruçar nos trabalhos da Oficina de Traduções Kumarajiva. Nela, traduziu uma série de livros e textos importantes para o treinamento e desenvolvimento do corpo clérigo da Missão Sul-Americana de Budismo Shin Ordem Otani, tradição à qual pertencia. Também ministrou um curso online sobre Budismo Básico, com participantes de todo o Brasil, uma média de mais de cem pessoas inscritas, que ouviam mensalmente o ilustre professor e lenda viva do Budismo brasileiro. Infelizmente, Ricardo faleceu antes de concluir três das oito aulas que estavam programadas para o ano de 2021.

Na madrugada de 11 de setembro de 2021, Ricardo fez sua passagem. O rito fúnebre foi realizado pelo Sacerdote Primaz Chiko Tsukamoto e aconteceu virtualmente, com apenas a família presente no templo budista ao qual Ricardo era ligado em São Paulo. Estiveram presentes, ainda, líderes religiosos de grande parte das tradições budistas brasileiras, em especial a monja Coen Roshi, do ZendoBrasil, e o Reverendo Sato do templo Nishi Honganji, de Brasília, seu amigo de infância.

Diversas homenagens emocionantes foram prestadas ao professor reverendo por alunos, colegas de trabalho, devotos e praticantes budistas leigos, todos se despedindo e lamentando o último dia terrenal de um grande mestre que, tal qual o Buda, encerrou sua história aqui aos oitenta anos.

Painel inter-religioso de Diversidade e Espiritualidade organizado pela comunidade budista LGBTI+ Rainbow Sangha Brasil.



Da esquerda para a direita: Jean Tetsuji, Icaro Matias, Fernanda Darcie, Ricardo Mário Gonçalves, Arthur Spada e Jaqueline Faro (foto de outubro de 2019).